

Gabriela van Erven Couto de Magalhães

A História das Pedras:
Uma leitura simbólica de um mito familiar

Pontifícia Universidade Católica

Faculdade de Psicologia

São Paulo

2007

Gabriela van Erven Couto de Magalhães

A História das Pedras: Uma leitura simbólica de um mito familiar

Trabalho de conclusão de curso como exigência
parcial para graduação no curso de Psicologia, sob
orientação da Prof. Eloísa Penna.

Pontifícia Universidade Católica

Faculdade de Psicologia

São Paulo

2007



Agradecimentos

Primeiramente queria agradecer a minha avó Thereza por ter cedido essa História tão linda para o meu trabalho, obrigada pelas conversas, pelas histórias, pelos detalhes e pela paciência. Tenho orgulho de ser sua neta, ter o seu nome e fazer parte dessa família. Agradeço a todos que foram citados nesse trabalho, os irmãos da minha avó, os donos das pedras.

A minha mãe, uma amiga tão importante na minha vida, ao meu pai por tudo que já fez por mim.

A minha tia ANA FIGUEIREDO (está bom assim, Nana?) Que me ajudou muito e foi essencial, tanto nesse trabalho, como em toda a faculdade.

A Marisa Penna por me ajudar com muito carinho e atenção no começo da minha jornada e a Eloísa Penna pela energia contagiante que fez com que o trabalho ficasse fácil, divertido e apaixonante.

As minhas queridas amigas Marília, Dafne e Déborah que se tornaram três grandes presentes que a psicologia me deu.

A todas as pessoas que sem saber me ajudaram, sendo presenças inspiradoras na minha vida: Nini, “as meninas”, meus irmãos, minhas tias, meus avós e Fafá.

A Dani Efeiche obrigada pelos livros e por toda ajuda, e a Sasa obrigada pelas lindas fotos.

E ao Pedro, obrigada pela paciência nesse último ano, tenho em você a minha pedra.

Gabriela van Erven Couto de Magalhães: A História das Pedras: Uma leitura simbólica de um mito familiar, 2007

Orientadora: Prof.^a Eloisa Penna

Área de Conhecimento: 7.07.00.00-1 - Psicologia

Palavras chave: Símbolo da Pedra, Mito e Mito Familiar.

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo fazer uma leitura simbólica de uma História familiar. O trabalho foi baseado no relato oral da História das Pedras, de um dos integrantes da família. Primeiramente foi feita a reconstrução da História a partir dos relatos presentes na tradição oral da família. Os relatos juntos contam a história de um casal que teve sete filhos e para cada filho que nascia o pai achava um tipo específico de pedra na praia. Foi feita também uma pesquisa bibliográfica sobre a função psicológica do mito, o mito do herói e sobre o conceito de símbolo na psicologia analítica. Posteriormente foi feita uma pesquisa sobre a simbologia de alguns elementos presente na História das Pedras tais como pedra, mar e praia. A análise do relato foi feita em dois níveis: o nível pessoal que envolve as associações e os significados atribuídos ao mito pela família, e no nível cultural que engloba os significados que são reconhecidos pela cultura. Foi possível fazer algumas relações entre a História das Pedras e o material pesquisado, já que várias sociedades ancestrais atribuíam à pedra um caráter fertilizante. Foi possível observar a importância do mito criado pela família e como através dele o pai ganhou uma função a mais na gestação de seus filhos. Concluímos que essas pedras ganharam um grande valor simbólico para alguns indivíduos da família, que as consideram como representantes de suas vidas. As pedras são guardadas até hoje por todos os filhos do casal, e tal história é contada para todos da família, o que reforça a importância de tal história para todos os sete filhos e seus descendentes.

Sumário

Introdução	1
Método	6
Mito.....	8
O Mito do Herói	11
Símbolo.....	14
Análise	16
Conclusão.....	33
Referências bibliográficas	42
Anexo 1 - A História das Pedras.....	46



Introdução

Desde a primeira vez que tive contato com a história das pedras (Anexo 1), história da família da minha avó materna, fiquei encantada. Minha avó é a terceira filha dos sete filhos do casal. Vem de longe a vontade de registrar essa narrativa; uma história feliz, bonita, com o tom de encantamento. Tem uma proximidade com o fantástico, com a magia, com o que não pode ser explicado.

Ocorreu-me a vontade de registrar essa história e utilizá-la como ponto de partida do meu trabalho de conclusão de curso (TCC).

Pedi à minha avó que me contasse várias vezes a história, registrei e fui me aproximando cada vez mais do relato e tive certeza de que estava diante de um belo e rico material.

Porém, durante muito tempo, praticamente um ano, não conseguia decidir o que fazer com o relato, fiquei paralisada. Perante sua grandeza me senti pequenina ou até mesmo incapaz de produzir algo que justificasse o uso desse valioso mito familiar.

Mudei inúmeras vezes de tema, cheguei a fazer uma introdução que fugia completamente da minha idéia inicial - basear meu TCC na história das pedras - conversei com professores, amigos, familiares e quando estava prestes a trancar a matéria de seminários resolvi reler a história.

Assim compreendi que estava diante de algo pleno de conteúdo, e que poderia passar anos estudando e, a partir da história escrever meu mestrado, doutorado, um livro... E ainda assim, sobraria muito para ser dito.

A História das Pedras não é apenas um relato. É uma história intrigante e ainda hoje só se pode chegar até ela a partir do relato verbal dos donos das pedras.

São sete filhos, sete pedras, sete diferentes versões da mesma história. Das sete, tive contato maior com a mais próxima da minha história de vida; a versão da mãe da minha mãe.

Inúmeros afetos e emoções formaram elos “invisíveis” entre os integrantes dessa família. Um simples objeto, uma pedra, configurou-se como um símbolo misterioso que remete ao nascimento, à morte, à fertilidade e provavelmente a inúmeros outros significados.

De alguma maneira, achando as pedras e atribuindo-lhes significado Conrado tornou-se participante da gestação dos filhos. Ao lado de Maria, Conrado e suas pedras tinham uma função - seus filhos só nasceriam bem se ele pudesse encontrar as pedras.

É perceptível que essa família estabeleceu um de seus mitos particulares, um mito existencial, uma construção familiar, algo não comum de se encontrar nos tempos de hoje. *“Os mitos condensam experiências vividas repetidamente durante milênios, experiências típicas pelas quais passaram (e ainda passam) os seres humanos.” (Silveira, 1994, p.139)*

Nos tempos atuais não estamos mais acostumados a ouvir histórias de outrora, queremos saber do que é novo, moderno, do que está acontecendo agora, nos desligamos cada vez mais do passado, da nossa origem.

“O homem moderno é racional demais, inteligente demais, demasiadamente conhecedor de tudo, afastado demais da natureza e de suas contradições, e não leva a sério suas intuições e as imagens que surgem de sua alma. Desaprendeu como criar mitos...”. (Jaffé, 1983 [1995] p. 149)

Os filhos desse casal e as gerações que se seguiram tiveram a oportunidade de crescer ouvindo essa história inúmeras vezes. Esse mito se repetia a cada nascimento; a cada vinda de um filho a história se confirmava. Fazia parte de algo bonito e uno que enaltecia a origem de cada um. Esse mito familiar era também o mito da origem de cada um deles e de todos eles.

A história das Pedras se aproxima e se funde com umas das definições de mito para Campbell:

“Mitos são histórias de nossa busca da verdade, de sentido, de significação, através dos tempos. Todos nós precisamos contar nossa história, compreender nossa história... Precisamos que a vida tenha significação. Precisamos tocar o eterno, compreender o misterioso, descobrir o que somos.” (Campbell, 1990, p.5)

Essa história nos dá a possibilidade de inúmeras interpretações, de levantarmos várias hipóteses, como já dito. Mas a partir da leitura de um texto de Marcus Quintaes “Pedras no Caminho” meu trabalho começou a seguir uma direção mais definida.

Esse texto contém o poema de Carlos Drummond de Andrade "No meio do Caminho":

*No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.*

*Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.*

(Carlos Drummond de Andrade In: Alguma Poesia, 1930)

A partir deste poema Marcus Quintaes faz uma série de reflexões e relações entre a pedra no caminho do poema e as pedras no caminho da psicoterapia. Mas lendo o texto me deparei com as seguintes frases:

"Tinha uma pedra, ela já estava lá antes que eu a encontrasse. Entretanto, dependeu de mim, foi por minha causa que uma pedra que já existe no mundo se tornou esta pedra que eu encontro no meio do caminho."
(Quintaes, 2003, p.6)

Parecia que o texto tinha sido escrito para ser relacionado com a História das Pedras. Seguindo a idéia do texto, essa pedra me antecedeu e faz parte da história de uma família, e agora está no meu caminho.

Decidi então, fazer uma leitura simbólica dessa história - qual o significado da História das Pedras?

A partir da história contada, pretendo pesquisar alguns símbolos presentes no relato e fazer da pedra um instrumento para o meu trabalho. *“O caminho só existe por minha causa. Mas ela se torna um obstáculo por causa do caminho que forjei e introduzi no mundo.”* (Quintaes, 2003, p.6)

O objetivo deste trabalho é fazer uma leitura simbólica arquetípica das Pedras.



Método

A História das Pedras é a essência do meu TCC. Foi feita uma reconstrução da História a partir dos relatos presentes na tradição oral da família (Anexo 1). Esse texto se constituiu como o objeto de estudo desta pesquisa.

A história foi analisada como se fosse um sonho e utilizei a amplificação simbólica como meio para me aproximar de alguns símbolos presentes nesse mito. *“O sonho é o mito pessoal e o mito é o sonho coletivo; o mito e o sonho simbolizam, da mesma maneira geral, a dinâmica da psique”* (Campbell, 1997, p.27)

A análise desse material foi feita em dois níveis: o nível cultural que engloba os significados presentes nesse material que são reconhecidos pela cultura e o nível pessoal (o mito familiar), que envolve as associações e os significados atribuídos ao mito pelas pessoas dessa família. Existe também o nível arquetípico, que surge da oposição do que é pessoal com o que é coletivo, e é por si só sempre desconhecido. *“A ampliação de uma imagem onírica é análoga ao processo de “descascar” as três camadas de um complexo”*. (Hall, 1983, p.44).

Foi feita uma pesquisa bibliográfica sobre a função psicológica do mito, destacando o mito do herói e sobre o conceito de símbolo na psicologia analítica.

“Todo mito é, de modo intencional ou não, psicologicamente simbólico. Portanto, suas narrativas e imagens devem ser lidas não de modo literal, mas como metáforas”. (Walter, 1997, p.27)

A partir do relato da História das Pedras a principal pesquisa foi a da simbologia da pedra. E a partir dela foram selecionados outros elementos que também foram pesquisados, como: praia, mar, concha.

Tais elementos foram selecionados durante o percurso do trabalho, pois ganharam evidência na pesquisa simbólica da pedra. Assim houve a necessidade de aprofundar a pesquisa em torno destes elementos para complementar o trabalho.



Mito

Mitos são relatos poderosos e atemporais, que nos ensinam, nos inspiram e tentam de alguma forma responder –metaforicamente - a questões do ser humano, questões formuladas ao longo de sua existência para as quais não há resposta: De onde viemos? O que existe após a morte? De alguma forma permanecemos? Estamos sozinhos?

“O mito aparecerá como um teatro simbólico de lutas interiores e exteriores a que o homem se entrega no caminho de sua evolução, na conquista de sua personalidade. O mito condensa, numa só história, uma multiplicidade de situações análogas; mais além de suas imagens movimentadas e coloridas como desenhos animados, permite a descoberta de tipos de relações constantes de estruturas.” (Chevalier, 1991, p.XIX)

A maneira mais fácil de entendê-los e decifrá-los é perceber que eles são histórias que embora não sejam factíveis externamente, contêm em seu interior verdades universais.

Tanto no livro “As Máscaras de Deus – Mitologia Ocidental” como em “A Jornada do Herói” Campbell descreve as quatro funções essenciais da mitologia. A primeira é a mística *“de trazer à tona e sustentar um sentido de espanto diante do mistério da existência”* (Campbell, 2004, p. 2), a segunda função é cosmológica, relativa ao cosmos, a terceira é a função sociológica, de integração entre o indivíduo e o seu grupo social, o mito forma vínculos entre os indivíduos e seus iguais; a

quarta e principal função é a de individuação ou pedagógica, que faz com o que o indivíduo entre em contato com a sua própria realidade psíquica a cada estágio de sua vida.

Das quatro funções mitológicas que Campbell descreve, a função mística e a função pedagógica têm maior preponderância neste trabalho.

A função mística abre-se à transcendência. Segundo Campbell:

“A função da mitologia é nos ajudar a experienciar tudo que é temporal como uma referência. E também a experienciar as verdades eternas como referências. A mitologia abre o mundo de tal maneira que ele se torna transparente a algo que está além do discurso, além das palavras – o que nós chamamos transcendência. Sem ela não se tem uma mitologia (...) A primeira função da mitologia, portanto, é a de demonstrar que tudo é uma metáfora para a transcendência. O primeiro campo a ser transcendido é o do meio ambiente em que estamos, o mundo em que vivemos. Para que se possa ver o mundo todo abrindo-se para uma dimensão de maravilha e mistério. Cada objeto no mundo fala desse mistério, o mistério da vida, e a consciência flui nos vários corpos e seres que nos rodeiam. E ela (mitologia) deve nos mostrar a nós mesmos como igualmente transparentes à transcendência.” (Campbell, 2004, p.192)

A função pedagógica nos fornece ritos de nascimento, ritos de puberdade, ritos de iniciação, de fertilidade, de matrimônio, de morte – enfim ritos de passagem que conduzem o indivíduo e ligam-no à sua sociedade.

“A quarta função da mitologia – e é nela que hoje sentimos a falta dos mitos – é a pedagógica, que guia os indivíduos de maneira harmoniosa pelas inevitáveis crises da vida”. (Campbell, 2004, p.196)

Podemos dizer que o mito familiar apresentado neste trabalho tem a mesma função para essa família que um mito para uma sociedade. Ele integra, une os indivíduos dessa família que passam a ter outro ponto de ligação além dos comuns como laços de sangue e sobrenome. A função do mito como gerador de identificação entre o indivíduo e a sociedade, também aparece neste mito familiar, exercendo tal função entre seus membros.



O Mito do Herói

*“Não precisamos correr sozinhos o risco da aventura,
pois os heróis de todos os tempos a enfrentaram antes de nós.*

*Temos apenas de seguir a trilha do herói, e lá,
onde imaginávamos viajar para longe,
iremos ter ao centro da nossa própria existência.*

*E lá, onde pensávamos estar a sós,
estaremos na companhia do mundo todo”*

Joseph Campbell

Segundo Campbell, em seu livro “O Poder do Mito”:

Em todas as histórias há um personagem principal que é o herói ou a heroína, alguém que encontrou ou realizou alguma coisa excepcional, que ultrapassa experiências comuns. Ele salva um povo, uma pessoa, uma idéia. O herói é aquele que se sacrifica por algo.

Os heróis acabam seguindo dois tipos de jornada. Em uma ele segue um animal e acaba entrando numa floresta e o animal o leva para uma paisagem desconhecida e, de repente, o herói se vê em uma aventura. Esse é o tipo do herói que não sabe o que está fazendo.

O outro tipo de caminho que o herói faz é aquele planejado, por algum motivo resolve partir de maneira responsável e intencional. É a aventura de descobrir qual é o seu destino, a sua natureza e a sua origem. E ele a empreende intencionalmente.

“O chamado à aventura significa que o destino convocou o herói e transferiu o seu centro espiritual de gravidade do âmbito da sociedade para uma região desconhecida. Essa região profética de tesouros e perigos pode ser representada de várias formas: como terra distante, uma floresta, um reino subterrâneo, um local situado sob as ondas do mar ou acima do céu, uma ilha secreta, um imponente pico de montanha ou um profundo estado onírico. Mas é sempre um local habitado por seres estranhamente fluidos e polimorfos, de tormentos inimagináveis, de feitos sobre-humanos e de prazeres impossíveis.” (Campbell, 1999, 33)

O primeiro estágio da jornada do herói quando inicia a aventura, é deixar o lugar onde cresceu e viveu, onde conhece tudo e introduzir-se em um novo mundo que desconhece e que o desafia.

Neste percurso o herói realiza proezas. Uma é a ação física, o herói consegue realizar um ato de coragem ou um ato de heroísmo, por exemplo, salvar uma vida, dar-se ou sacrificar-se por outra pessoa.

E o outro tipo é o “herói espiritual” (Campbell, 1996), que aprende ou entra em contato com uma outra forma de experienciar a vida espiritual humana e depois volta e a comunica aos outros. Este herói faz a sua jornada de forma não intencional, não sabe exatamente o que está fazendo, de repente se vê em uma aventura, é o tipo de herói mais guiado pela intuição.

O herói passa por um ciclo, de partida e retorno. Também se pode ver esse percurso num ritual de iniciação, quando a criança tem que abandonar a sua infância e tornar-se adulta. Abandonar o mundo da fantasia e do inconsciente para encontrar o mundo da consciência.

Ela tem que abdicar de sua infância, do seu corpo e da sua personalidade infantil para se tornar um adulto responsável. E esse é o tema básico da jornada do herói: abandonar uma condição, encontrar a sua bem-aventurança (Campbell,1996) e chegar a uma condição diferente, mais evoluída.

A travessia do herói é uma metáfora para o que experienciamos em nossas vidas, sejam elas ritualizadas ou não.



Símbolo

A palavra símbolo tem origem no vocábulo grego *symbolon* – junção de duas raízes *sym*, que significa junto ou com, e *bolon*, que significa aquilo que foi colocado. O significado literal da palavra símbolo é “aquilo que foi colocado junto”. (Edinger, 1995, p. 182)

“Os símbolos têm vida. Atuam. Alcançam dimensões que o conhecimento racional não pode atingir. Transmitem intuições altamente estimulantes, prenunciadoras de fenômenos ainda desconhecidos.” (Silveira, 1996, p.84)

O símbolo, na teoria junguiana, aparece como fruto da auto-regulação. A auto-regulação é um mecanismo de compensação que “renova” a tensão presente, e necessária, na psique entre o consciente e o inconsciente. O símbolo acessa o consciente trazendo para o ego conteúdos inconscientes. *“Os símbolos são um produto espontâneo da psique arquetípica. Não é possível fabricar um símbolo; só é possível descobri-lo”.* (Edinger, 1995, p.158)

O símbolo tem a função de aproximar o ego do inconsciente produzindo conhecimento. Ele transforma a energia inconsciente em consciente criando a oportunidade do ego de entrar em contato com novos conteúdos. *“Os símbolos, segundo Jung, são a expressão de coisas significativas para quais não há, no momento, formulação mais perfeita.” (Silveira, 1996, p.84)*

A ampliação da consciência, no sentido da individuação, acontece quando o símbolo é elaborado; quando isso acontece o indivíduo tem uma vivência de encantamento à qual Jung denomina vivência numinosa.

Edward Edinger, no livro “Ego e Arquétipo”, faz uma boa diferenciação entre símbolo e signo:

“O homem necessita de um mundo de símbolos, assim como necessita de um mundo de signos. Tanto o signo como o símbolo são necessários, mas não devem ser confundidos entre si. O signo é uma unidade de significado que representa uma entidade conhecida...O símbolo, por outro lado, é uma imagem ou representação que indica algo essencialmente desconhecido, um mistério. O signo veicula um significado abstrato e objetivo, ao passo que o símbolo veicula um significado vivo, subjetivo. O símbolo é dotado de um dinamismo subjetivo que exerce sobre o indivíduo uma poderosa atração e um poderoso fascínio. Trata-se de uma entidade viva e orgânica que age como um mecanismo de liberação e de transformação de energia psíquica. Podemos dizer, portanto, que o signo é morto e o símbolo é vivo.” (Edinger 1995, p.158)

Whitmont completa a idéia de Edinger e define o que é símbolo para Jung ao dizer que:

“Um símbolo genuíno nos termos de Jung não é uma designação abstrata livremente escolhida ligada a um objeto específico por convenção (tais como signos verbais ou matemáticos), mas a expressão de uma experiência espontânea que aponta para além de si mesma na direção de um significado não transmitido por um termo racional, devido à limitação intrínseca do último.” (Whitmont, 1995, p.17)



Análise

“Antes de mais nada,
a pedra é.”

Mircea Eliade

Neste capítulo será feita a análise dos principais elementos da *História das Pedras* no nível cultural e arquetípico.

Segundo Mircea Eliade não podemos afirmar que os homens primitivos eram devotos às pedras enquanto pedras. Sempre o que elas representam e simbolizam é algo sagrado. “*Os homens adoraram as pedras apenas na medida em que elas representavam algo diferente delas mesmas*”. (Eliade, 1998, p.175)

“O rochedo revela-lhe qualquer coisa que transcende a precariedade da sua condição humana: um modo de ser absoluto. A sua resistência a sua inércia, as suas proporções, tal como os seus contornos estranhos, não são humanos: eles atestam uma presença que fascina, aterroriza, trai e ameaça. Na sua grandeza e na sua dureza, na sua forma ou na sua cor, o homem encontra uma realidade e uma força que pertencem a um mundo diferente do mundo profano de que ele faz parte.” (Eliade, 1998, p.175).

São infinitos os campos com que a pedra se relaciona. Antes de ganhar significados religiosos ou míticos, a pedra foi um dos primeiros instrumentos do homem. Cortavam, rasgavam, feriam. Dentre suas diversas funções a mais importante era bater. A rigidez e imponente do instrumento davam poder ao homem que a utilizava.

A função inicial da pedra parece permanecer viva no imaginário popular se olharmos para os provérbios: A pedra e a palavra não se recolhe depois de deitada. A vingança é uma pedra que se volta contra quem a atira. Palavra fora da boca, é pedra fora da mão. Aquele que só atira pedras, não pode esperar que um dia receba flores.

Mas ao procurarmos na literatura encontramos diversos significados atribuídos à pedra, observamos também muitas culturas que realizavam cultos em que a pedra tinha função principal – cultos cosmológicos, eróticos ou religiosos.

Tomando diferentes dicionários de símbolos como referência - Chevalier, Lexikon e Cirlot - vimos que muitos são os símbolos associados à pedra e seu caráter eterno: *“Depois que os ancestrais mais remotos a ergueram ou sobre ela gravaram suas mensagens, ela é eterna, ela é símbolo da vida estática.”* (Jean-Paul Roux apud Chevalier p.698). A pedra remete à idéia de que não está sujeita às regras dos elementos vivos, não espera a morte. Aqui ela tem o poder da infinitude, ela nos antecedeu e nos sucederá.

A pedra aparece também relacionada à origem da vida como um ciclo e resultante de um processo transformador. *“As pedras caídas do céu explicaram a origem da vida. Nos vulcões, o ar se transformava em fogo, este em água e a água em pedra.”* (Cirlot, 1984, p.451)

Segundo Mircea Eliade alguns povos australianos acreditam que a abóbada celeste é feita de pedras. *“Caem (meteoritos) na terra carregados de sacralidade celeste, representam portanto o Céu.”* (Eliade, 1976, p.17)

Aqui vemos a relação dos meteoritos como pedras que caíram do céu. Os meteoritos assim como os raios representavam a união do Céu e da Terra. Essa semelhança entre esses dois elementos aparece em algumas culturas antigas que chamavam de “pedra de raio” as pedras caídas do céu. *“As pedras de raio, geralmente meteoritos, por caírem do céu como chuva, são consideradas como símbolos e instrumentos de fertilidade...”* (Chevalier, 1991, p.698)

Meteoritos e pedras são considerados símbolos de fertilidade:

“Muitas pedras, geralmente meteoritos, eram consideradas como doadoras de fertilidade e produtoras de chuva; as mulheres estéreis se esfregavam nelas quando desejavam ter filhos.” (Lexikon, 1997, p.156)

“Pedras e rochedos materializam uma força espiritual; vem daí que sejam também objetos de culto. Jovens esposos os invocavam para ter filhos; as mulheres se esfregavam nelas para serem fecundadas...” (Chevalier, 1991, p.699)

No livro “Tratado de História das Religiões” Mircea Eliade discorre sobre diversas culturas em que mulheres, inférteis ou recém-casadas, esfregavam-se em pedras com a crença que essas tinham poderes fertilizantes. Em diversas culturas citadas por Eliade (1998) a pedra fazia parte de rituais para as mulheres engravidarem (Índia, Austrália, América do Norte, Nova Guiné, Madagascar).

É observada também uma mudança de significação de um rito; em algumas culturas além de serem fertilizantes, as pedras também ajudavam nos partos. *“Entre*

os fangs, do Gabão, uma tradição reza que se coloque um machado ou pedra de raio entre as pernas da parturiente para facilitar o parto” (Chevalier,1991, p.698).

Mircea Eliade (1998) ainda nos conta que em Atenas, as mulheres grávidas se deslizavam em rochedos e ao mesmo tempo invocavam Apolo, para terem um bom parto. Em Portugal também era comum acreditar que tocar em determinadas pedras ajudariam no parto.

A crença de que os humanos foram gerados pela Terra é universalmente difundida, acredita-se que as crianças são geradas no interior da terra, nas cavernas nas grutas, também nos mares e nos rios.

Inumeráveis crenças contam que as mulheres engravidam quando se aproximam de rochedos e cavernas. As almas das crianças penetram no ventre, e as mulheres as concebem. (Eliade, 1989)

Um grande número de mitos fala das pedras como sendo os ossos da Mãe-Terra. Um exemplo é o mito de Deucalião que a conselho do pai, Prometeu, construiu uma espécie de cofre e se trancou dentro dele junto com a sua mulher Pirra, para se proteger de um dilúvio. Os dois flutuaram durante nove dias e no décimo dia eles desembarcaram no cume do monte Parnaso. Vendo-se a sós pediram companhia e Zeus disse-lhes para lançarem os ossos da sua mãe por cima dos ombros, sem olhar para trás. Esses ossos eram pedras. Pedras que repovoaram o mundo novamente. (Larousse,1995, p.1877)

Nesses dois mitos a terra se assemelha a uma mãe, é das cavernas que saem as almas das crianças e é a partir dos “seus ossos” que a humanidade nasce. O que vem de dentro da terra forma vida. Suas entranhas são comparáveis a embriões. Nos tratados indianos de mineralogia a esmeralda em sua matriz na rocha

é considerada como um embrião. O nome sânscrito para esmeralda é *Açmagarbhaja*, “nascido da rocha”. (Eliade,1989)

Na mitologia há constantes relatos de homens nascidos das pedras o que reafirma o seu simbolismo fértil.

”Um grande número de mitos assinala que os primeiros homens nasceram das pedras. O tema surge nas grandes civilizações da América Central (Inca e Maia), assim como nas tradições de certas tribos da América do Sul, entre os gregos, entre os semitas, no Cáucaso e, em geral, desde a Ásia Menor até à Oceania”. (Eliade,1976, p. 37)

Há também significados bíblicos atribuídos à pedra, *“A Bíblia concebe o rochedo e a pedra na qualidade de símbolos da força protetora de Deus”* (Lexikon, 1997, p.157), *“Segundo a tradição bíblica, em função de seu caráter imutável, a pedra simboliza a sabedoria.”* (Chevalier, 1991, p.701)

Não podemos ignorar a história de São Pedro, que antes de ser um discípulo de Cristo era um simples pescador chamado Simão. Segundo o Novo Testamento, Simão, foi o primeiro discípulo a professar a fé de que Jesus era o filho de Deus. E não por acaso Jesus muda o nome de Simão, e passa a chamá-lo primeiramente de Cefas, que significa pedra em aramaico, e posteriormente de Pedro em associação a pedra. (www.dec.ufcg.edu.br)

“Pois, também eu te digo: tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as forças diabólicas não poderão vencê-la.” (Evangelho de São Mateus, 16:17-18)

Cristo quis fundar a sua Igreja edificando-a sobre a Pedra (Pedro = Pedra), tornando-a assim firme e inabalável - a pedra basilar da nova crença.

A fertilidade aparece como um dos elos entre a História das Pedras e a pesquisa sobre o simbolismo da pedra. Assim como em diferentes sociedades ancestrais, o casal da nossa história precisava de uma pedra para garantir que o sucesso no nascimento de seus filhos fosse assegurado.

Os rituais são diferentes, porém a simbologia é a mesma. Maria e Conrado davam muita importância para o mito vivido pela família. No relato da *História das Pedras* podemos verificar que os dois faziam questão de passar essa história para os filhos.

Conrado e Maria não eram inférteis, pelo menos não que se saiba, então falar de fertilidade pode parecer um pouco estranho, mas eles, assim como todos os povos citados na pesquisa ritualizavam seus pedidos de fertilidade, gravidez e filhosãos. A essência desses rituais é desejar, honrar e respeitar para que os eventos da natureza aconteçam e se repitam.

A necessidade do humano em fazer ritos tem a mesma raiz da necessidade dos mitos, os dois têm como uma de suas funções aliviar a angústia da dúvida do humano: a terra dará frutos? Terei filhos?

As incertezas e dúvidas presentes no imaginário humano são transformadas em rituais e em mitos como forma de conexão com algo maior que a sua existência.

O rito se liga à quarta função do mito, a pedagógica. Os ritos fornecem uma estrutura que guia o indivíduo e o coloca em contato com a sua sociedade.

“Através do ritual, a energia ganha corpo e é efetivada a passagem de um estado para outro. Os dinamismos das forças arquetípicas são integrados para poderem estar disponíveis às necessidades coletivas ou pessoais”.
(Whitmont,1991,p.258)

A função do rito é evidenciar os ciclos da vida mostrando que tudo termina, voltando a começar. O indivíduo inserido em um rito coletivo é levado a aceitar os termos, mortes e a integrar as forças da natureza dentro de si. Através dos ritos o humano aceita as leis da natureza, resgatando dentro si o significado dos acontecimentos de sua vida.

“O ritual genuíno, como símbolo vivo ou experiência religiosa, não pode ser fabricado; só pode ser descoberto (...) No início, sua descoberta terá de acontecer por meios de buscas individuais. Como os buscadores do Graal, cada um terá que sair por um caminho diferente, e atravessar o desconhecido com a finalidade de enfim encontrar o objetivo comum da busca.”
(Whitmont,1991,p.271)

Faz parte do ritual de Conrado procurar as pedras na Praia das Velhas, achá-las e depois guardá-las todas juntas em um cômodo de sua casa *“E meu pai sempre colocava numa estante que nós tínhamos as pedras todas enfileiradas”*.

O ritual de achar as pedras realizado por Conrado, acaba por desencadear outro ritual desta vez iniciado por Maria; cada filho que casava levava a pedra para a sua nova casa. *“Toda vez que nós casávamos mamãe dizia “Leva a pedra, leva a pedra pra fazer a família de vocês”*.

Na *História das Pedras* a trama se apresenta como uma série de coincidências, *“Acredito até que seja uma coincidência da nossa vida, sete filhos sete pedras”*, mas essa coincidência pode ser compreendida no modelo junguiano, como uma sincronicidade, e é um dos fatores que fazem com que a *História das Pedras* se torne mais significativa.

O conceito de sincronicidade foi proposto por Jung como uma coincidência acausal que tem um valor significativo para quem a vivencia. A sincronicidade aparece na *História* quando Conrado acha a primeira pedra na praia, leva-a para casa e o objeto passa a ter associação com a gravidez de Maria. Aos poucos Conrado passa a procurar outras pedras a cada vez que sua mulher engravida.

“Penso que existe um princípio particular de sincronicidade ativa no mundo, fazendo com que fatos de certa maneira aconteçam juntos como se fossem um só, apesar de não captarmos essa integração.”(Jung,1985, p. 30 par.70)

Há a primeira pedra, e é intrigante o fato de Conrado continuar achando pedras, antes ou depois de Maria engravidar, porém não se pode falar de sincronicidade nas outras seis pedras, pois há um ato intencional, Conrado passa a buscar as pedras. Não eram pedras quaisquer, existiam determinadas características nessas pedras que Conrado perseguia, elas tinham que ser semelhantes. As sete pedras têm *“a mesma aparência, mesma textura, mesma confecção, mesmo tudo.”*

O conceito de sincronicidade foi muito mal visto pela comunidade científica da época, pela razão de não se fundamentar no princípio da causalidade, não obedecer as leis do pensamento racional ou mesmo da física clássica e ter um caráter imprevisível.

“A questão não consiste em saber por que tal coisa ocorre ou que fator causou tal efeito, mas o que é provável que aconteça conjuntamente, de modo significativo, no mesmo momento”. (Von Franz, 1993, p. 119).

Há varias possibilidades de interpretação da conexão entre as gravidezes e as pedras. Conrado achou a pedra porque Maria estava grávida, ou Maria engravidava porque Conrado achava pedras. Porém essas duas relações têm caráter causal, e obedecem a uma linha de pensamento à qual estamos acostumados - as coisas acontecem sempre causadas por outras - nos obrigamos a organizar os acontecimentos em uma linha temporal para poder entendê-los. E há a explicação sincronística, de que as coisas acontecem juntas, sendo ligadas pelo indivíduo que percebe e dá valor aqueles acontecimentos. Aqui a ordem dos fatos não interessa, não influencia.

Marie-Louise Von Franz também afirma:

“Em seu estudo sobre a sincronicidade, Jung também chegou à conclusão de que os eventos sincronísticos não são apenas acontecimentos irregulares e esporádicos, sem qualquer ordem. No final do estudo ele formula a hipótese de que se trata de fenômenos aleatórios do que ele chama de ordenação acausal. Em outras palavras, teríamos que pressupor que existe, tanto na realidade psíquica quanto na física, uma espécie de ordem ou ordenação atemporal, que se mantém sempre constante, e que os eventos sincronísticos se enquadram na área desses acontecimentos, dos quais são concretizações esporádicas singulares.” (Von Franz, 1993, p.119)

O valor simbólico da *História das Pedras* não está relacionado ao que aconteceu antes, a gravidez ou a pedra achada, mesmo porque Conrado e Maria não estão mais vivos para afirmar o que “verdadeiramente” aconteceu. A *História das Pedras* é resultante de uma tradição oral sempre presente na família, que provavelmente chega a nós carregada de fantasias e associações, “*Não me lembro,*

quando que meu pai começou a pegar as pedras, era muito pequena.” e é essa história que nos interessa.

A passagem da *História das Pedras* em que Pedro e Paulo nascem prematuros e acabam falecendo após três dias, nos chama a atenção. Por um lado reafirma a crença de que Conrado tem que achar a pedra para que o filho nasça, e por outro lado acrescenta um novo valor à pedra, que não é só de fertilidade, pois ainda que Maria conseguisse engravidar sem que Conrado ache uma pedra, temos agora um outro atributo da pedra; que é garantir a vida dos recém nascidos.

Durante a gestação da última filha, Rosa Maria, Conrado também não consegue achar a pedra, esta chega à família por um amigo que presenteia o casal. *“Dias antes de Rosa Maria nascer, um amigo da família foi fazer uma visita, ele entrou na sala e viu as pedras e perguntou se meus pais faziam coleção, e mamãe disse sim, que Conrado sempre as achava, mas ela não deu explicação a ele do que se tratava. E ele disse que tinha uma pedra daquelas e que mandaria para eles.”*

Rosa Maria nasce bem e saudável. A pedra ganha assim importância no parto, há uma ampliação de sua função, uma função crucial, a de garantir a vida.

A presença dos meteoritos, citados anteriormente, como pedras com poderes fertilizantes por terem caído do céu, pode estar associada à questão da origem da nossa pedra. De onde ela veio?

Há uma curiosidade, presente no relato, sobre a origem da pedra *“... queria saber de onde veio, porque veio e se pertence a alguma história, de uma fábrica ou de alguém que era um artista que fizesse alguma experiência com esse material”*.

Ela pode ter vindo do céu, como os meteoritos descritos por Chevalier e Lexikon e, por ter essa origem, ser portadora de fertilidade, e como tudo que vem

do céu carrega em si um poder superior, proveniente da morada dos deuses (Lexikon,1997).

A descrição da pedra: *“sua cor se assemelha a de areia, e sua textura era única, lembra muito o solo da Lua, com todas aquelas imperfeições”* reafirma a idéia que ela possa ter vindo do céu, só que ela não é um meteorito, ela veio da lua. Será ela um pedaço desprendido da lua que caiu na terra, ou será a pedra um filho da lua. Crenças antigas expressam a concepção de que o céu e a terra eram unidos originalmente. Pode se pensar que quando houve essa separação algo do céu ficou na terra.

O céu representa a parte masculina e ativa dessa união e a terra representa a parte feminina e passiva de tal união que teria dado origem a todos os seres terrenos. (Lexikon,1997)



(Foto da pedra, 2007)



(Imagem da lua, www.liftoff.msfc.nasa.gov)



(Foto da pedra, 2007)

A pedra também poderia ser lastro de navio, possibilidade presente no relato, e teria sido trazida do fundo do mar. A pedra sendo oriunda do mar, tal qual a concha, assume aqui outro símbolo de fertilidade e um símbolo do feminino relacionado ao mar. E se sua origem é no fundo do mar ela veio da terra, reafirmando o feminino.

Sobre o mar Edgar Morin diz: *“A água é agente comunicadora mágica do homem no cosmo (...) o mar é a natureza primeira, a mãe cósmica análoga a mãe real, carnal, protetora, amorosa.”* Morin ressalta a importância da alternativa inversa da mãe como mar:

“A vida uterina do feto humano traz em si, e recomeça, a experiência primeira marítima dos seres vivos (...) que se refracta em todos os planos do espírito humano. Tanto o mar repercute para a mãe como a mãe repercute para o mar (...) As águas comportam um além cosmomórfico que comove no mais íntimo do homem: falam-lhe na linguagem das origens que ele talvez reconheça confusamente.” (Morin,1988, p.119-120)

Novamente a origem da pedra nos remete a questão da nossa origem, tanto num âmbito maior, a origem dos humanos, do mundo, quanto num âmbito menor, individual, do surgimento da vida no feto.

Na *História* há referências a alguns irmãos e suas relações com as pedras:

“Eu, por exemplo, sou muito apegada a minha (pedra), Ligia também, Conrado (Filho) diz “Ah isso é bobagem”, não liga, mas a mulher dele liga, liga por que quando ela faz mudança ela pega a bola enrola num pano e coloca na bolsa. Por que tem umas pessoas que são mais agarradas, outras não. O Marcos nem sei onde ele colocou a bola dele, a minha está muito bem guardada, a de Lena e de Rose estão na casa de mamãe, Vitória está com a dela e Ligia está com a dela.”

A partir desse trecho podemos reconhecer como o feminino se conecta à *História* e à pedra. As pedras das mulheres da família estão guardadas, ao passo que os homens parecem lidar com suas pedras de forma mais desapegada. Podemos supor que a temática fundamental da história esteja de fato relacionada com aspectos do feminino principalmente associado à maternidade e à fertilidade. Isso justificaria um maior valor atribuído às pedras por parte das mulheres da família. Incrível como Conrado um homem nascido em 1896, tenha de forma tão intuitiva participado, navegado nesse universo feminino.



(Foto da Praia das Velhas - 1930)

É importante ressaltar que as pedras eram achadas em uma praia, a Praia das Velhas, porém não foi encontrada em nossa pesquisa material sobre a simbologia da praia, mas sabemos que nela há o encontro de Conrado com a pedra e é nessa paisagem onde os três elementos se encontram: água - mar, terra - areia e ar – céu.

“A praia não se refere a um lugar fortuito, mas que tem uma função – a de chamar, de atrair. Ela é a sede de um encontro, ou, em outras palavras, ela é o espaço do encontro, podendo ser vista como uma ponte para ele.”
(Faria, 2006, p.34).

Esse poderoso encontro de três traduz a totalidade. O número três e as tríades dão essa noção de completude, pai-mãe-filho, passado-presente-futuro, terra-sol-lua, pai-filho-espírito santo (Chevalier, 1991). Tal noção pode lembrar o momento em que éramos um só e o sentimento de ser completo era vivo.

A praia pode ser vista como um ponto de encontro entre o mar e a terra com a areia entre eles, e há também o encontro do “pai” céu com a “mãe” terra, do céu com o mar. Podemos supor que foi de algum desses encontros que as pedras dessa história surgiram.

Há o encontro de Conrado com todos esses elementos, há o encontro de Conrado com o feminino, com a *Anima*. Segundo a visão junguiana, existe internamente no homem uma parte menos desenvolvida feminina, assim como existe na mulher uma parte masculina. A parte masculina na mulher é chamada de *Animus*, e a parte feminina no homem é chamada de *Anima*. Ambos personificam o inconsciente coletivo e têm a função de fazer uma ligação entre o mundo da consciência (ego) e o mundo inconsciente. (Sanford,2002)

Conrado entra em contato com um ambiente que exala do feminino e se envolve numa mística antes só concebida às mulheres: o poder de geração de filhos. Conrado entra em contato com um mundo feminino, com a sua parte feminina.

“A Anima é a personificação de todas as tendências psicológicas femininas na psique do homem – os humores e sentimentos instáveis, as intuições proféticas, a receptividade ao irracional, a capacidade de amar, a sensibilidade à natureza e, por fim, mas nem por isso menos importante, o relacionamento com o inconsciente” (Jaffé,1992, p.177)

Segundo John Sandford (2002) a *Anima* ajuda a expandir a consciência do homem, deixando que ele entre em contato com o seu mundo interior através de sonhos, fantasias, visões...

*“A consciência masculina tem sido comparada ao sol, e a feminina à **lua**¹. Ao meio-dia, vê-se tudo com seus contornos nítidos e uma coisa se diferencia claramente de outra. Mas ninguém consegue ficar muito tempo sob esse sol quente e brilhante”.* (Sandford, 2002, p.89)

A pedra faz a conexão do feminino com o masculino e é propiciadora do nascimento e da vida. Vemos aqui como a questão da fertilidade relacionada à pedra mais uma vez se apresenta - o encontro do feminino e do masculino é realizado através da pedra.

E é na praia que Conrado se torna herói...

¹ Grifo meu.

Na pesquisa realizada sobre a figura do herói na mitologia, por diversas vezes foi possível fazer relações com Conrado, mas por outras a definição dada por Campbell não se encaixava no “nosso” herói. Conrado iniciou a sua jornada de modo não intencional, e sim da maneira mais intuitiva. Quando pegou a primeira pedra na praia não tinha consciência do significado do evento e o que esse evento viria a desencadear.

Conrado não sabia que estava realizando uma proeza heróica, ele se aproxima mais do “herói espiritual” (Campbell, 1988), aquele que começa o seu caminho de forma não intencional; intuitivamente, acaba de alguma forma se vendo na sua jornada, na qual faz algo supranormal, aprende a se comunicar com o seu ambiente, ler os sinais a sua volta. O ato heróico de Conrado é aprender a participar por uma segunda vez da gestação de seus filhos.

A frase *“Mater semper certa, pater incertus”* (Eliade, p.178,2000) traduz uma desqualificação da figura paterna perante a geração dos filhos. Pode-se dizer que Conrado burla tal concepção e se coloca intimamente ligado ao nascimento de seus filhos.

É possível encontrar no relato várias referências em que a figura de Conrado aparece de forma positiva e bem ativa o que pode ser analisado como atributo heróico do personagem.

“Meu pai era uma pessoa muito alegre, apaixonado pela família. Acho que por ter perdido o pai e a mãe muito cedo, depois que ele se casou aquela família preenchia tudo na vida dele.”

“Então nós íamos todo dia para a praia, meu pai ficava ensinando a gente a nadar, meu pai era um esportista muito grande e queria que os filhos fossem “astros” também. E para nós era um divertimento, nós chegávamos à praia todo dia seis e meia da manhã, porque depois ele ia trabalhar.”

Para os filhos Conrado representa vários aspectos de arquétipo do Pai, aquele que se dedica, ama e ensina os filhos. Mas principalmente um Pai que participa ativamente na criação dos filhos mesmo antes deles nascerem.



Conclusão

“Vede, eis a pedra brilhante dada ao contemplativo;
ela traz um nome novo, que ninguém conhece,
a não ser aquele que a recebe.”

João Guimarães Rosa

Durante todo o processo vivido para a elaboração deste trabalho, a questão inicial e precursora da pesquisa permaneceu presente. Qual o significado da *História das Pedras*?

Por muitas vezes em nosso trabalho fizemos referências a Conrado, foi ele quem um dia se aventurou e sem querer criou um mito familiar. O trabalho falou muito de pedras, mas a sensibilidade de um homem acabou chamando muita atenção, e ganhando algumas páginas desse trabalho.

Conrado é lembrado pelos seus filhos como um “*astro*”, e por nós como um herói. A jornada de Conrado é realizada individualmente e em conjunto com a jornada de Maria, cada um faz a sua parte, e reside aí a complementaridade das duas figuras. “*A mulher é a mãe do herói, é o objeto das façanhas do herói, é protetora do herói, é dela que ele parte e é para ela que ele retorna.*” (Campbell,1988,p.124)

“A mulher representa, na linguagem imagética da mitologia, a totalidade do que pode ser conhecido. O herói é aquele que vem para conhecer (...) Ela o atrai e guia e lhe pede que rompa os grilhões que o prendem”
(Campbell, 1997, p.117)

Podemos dizer que Conrado procurava as pedras para manter o mito criado, mas é possível acrescentar que Conrado buscava as pedras para Maria, buscava porque amava sua família e seus filhos, mas trazia a pedra para confortar sua mulher. Como se fossem pérolas, Conrado buscava as pedras na praia e as levava para sua esposa. Ao lhe oferecer as pedras Maria poderia enfrentar a sua jornada heróica, dar à luz, mais segura.

“Entre os astecas, que dispunham de vários céus, para onde as pessoas iam de acordo com a morte que tivessem, o céu dos guerreiros mortos em batalha é o mesmo das mães que morrem em trabalho de parto. Dar à luz é incontestavelmente uma proeza heróica, pois é abrir mão da própria vida em benefício da vida alheia.”
(Campbell, 1996, p.132)

Percebemos que a jornada dos dois é individual, cada um tem o seu caminho para cumprir, ao mesmo tempo em que são próximos, o dois vão caminhando paralelamente, transpondo seus desafios, chegando juntos ao final.

A partir da relação da *História das Pedras* com o material pesquisado pude perceber que durante toda a produção deste trabalho o símbolo foi o fio condutor da pesquisa.

Considerados com mobilizadores, os símbolos, propiciam uma movimentação energética no interior do indivíduo e produzem tal movimentação pois, apesar de

conscientemente não percebermos, têm em si expressões de características psíquicas universais. "*A alma cria símbolos cuja base é o arquétipo inconsciente e cuja imagem aparente provém de idéias que o consciente adquiriu*" (Jung,1986, par.344)

E o que podemos perceber também, que carregam em si heranças de antepassados, somos testemunhas de como foi possível, por diversas vezes, fazer ligações entre a *História das Pedras* e mitos e ritos que nos antecederam. E foi através dos símbolos que vimos como uma história familiar tem conexão com tradições antigas.

A intenção desse trabalho não foi tentar interpretá-los racionalmente, o que nos levaria para longe do sentido dos símbolos.

Na época em que vivemos não faria sentido voltar no tempo e repetir os rituais de fertilização que nossos ancestrais faziam, a *História das Pedras* aparece como um intermediário entre o mundo moderno e o tempo ancestral. Essa família, intencionalmente ou não, foi capaz de experienciar a energia de diversos símbolos presentes nesse mito que eles viveram.

Talvez a *História* presente neste trabalho sirva de inspiração para nós homens modernos, pararmos um pouco e olhar para o que está ao nosso redor; quem sabe, podemos encontrar nossas "pedras"? E talvez assim resgatar os símbolos que existem em nós, para que a partir disso, possamos alimentar a nossa vida simbólica integrando conteúdos pessoais e arquetípicos.

“De fato, na vida cotidiana precisamos expor nossas idéias da maneira mais exata possível e aprendemos a rejeitar os adornos da fantasia tanto na linguagem quanto nos pensamentos – perdendo, assim, uma qualidade ainda característica da mentalidade primitiva. A maioria de nós transfere para o inconsciente todas as fantásticas associações psíquicas inerentes a todo objeto e a toda idéia. Já os povos primitivos ainda conservam estas propriedades psíquicas, atribuindo a animais, plantas e pedras poderes que julgamos estranhos e inaceitáveis.” (Jung, 1992, p.43).

Pela descrição atual dada a pedra:

“Sua cor se assemelha a de areia, sua textura era única, lembra muito o solo da Lua, com todas aquelas imperfeições. E não tem beleza nenhuma, é uma coisa rústica, simples. Não é trabalhada, é uma pedra, não é uma pedra, é um pedaço de uma louça ou então é uma cerâmica, não sei o que é aquilo, nós nunca mandamos examinar que matéria é aquela, não sei se é cerâmica, se tem cal, cimento branco, não sei o que é aquilo. Mas é uma coisa que é sentimental então a gente gosta.”

Podemos observar o valor simbólico que ela ainda contém expresso nas múltiplas possibilidades, nas dúvidas e nas contradições presentes na *História das Pedras*. “O símbolo aparece para a consciência como algo intrigante e inquietante, sua natureza paradoxal e ambivalente produz no ego uma sensação simultânea de plenitude e vazio”. (Penna, 2003,p.152)

Na pesquisa sobre a pedra e seus significados em diferentes culturas e épocas foi possível encontrar grande diversidade de possibilidades. Porém não é necessário abordar todo esse material escrito para concluir algo que chamou

atenção nessa história desde meu primeiro contato: o quanto essas pedras ganharam importância imensurável para alguns dos integrantes dessa família.

Ao ler a *História das Pedras* é possível perceber como a pedra assume a importância de um objeto de valor “*sou muito apegada a minha (...) A minha pedra está em uma estante, eu acho que lá ela fica bem*”. A pedra parece ter o valor de uma jóia ou até ser uma coisa viva. E ao aprofundar essa *História* fica evidente o valor da pedra, ela não é preciosa como uma jóia, ela é valiosa como a vida. “*Eu não quero nem saber sobre a possibilidade de minha pedra quebrar porque eu tenho medo que eu me quebre também.*”

A preservação da pedra se traduz como preservação da vida. Cuidando da pedra se garante a vida, a pedra se transforma em um correlato da própria alma, os filhos guardam as pedras como guardam a sua vida, existe o medo que ela quebre porque a sua alma se desprenderia da pedra como de seu corpo.

Ao se tornar um símbolo, a pedra, por ser um objeto real, ganha intensa importância psicológica. Podemos dizer que a pedra tem uma função anímica, anímico é tudo que tem alma. No âmbito da psicologia o termo alma não deve ser tomado no sentido religioso, mas compreendido como um conceito psicológico. Porém aqui podemos também falar da alma que nos mantém vivos, a alma espiritual.

Claude Lévi-Strauss, em seu livro “O pensamento selvagem”, traz um costume de uma tribo australiana; os aranda. Eles acreditavam que simples objetos, nomeados de *churinga*, eram a morada dos espíritos de seus ancestrais.

“Os churinga são objetos de pedra ou de madeira, de forma mais ou menos oval com as extremidades pontudas ou arredondadas, muitas vezes gravadas com sinais simbólicos; às vezes, também, simples pedaços de madeira ou seixos não trabalhados. Qualquer que seja sua aparência, cada churinga representa o corpo físico de um ancestral determinado e é solenemente atribuído, geração após geração, ao vivo que acredita ser esse ancestral reencarnado. Os churingas são empilhados e escondidos em abrigos naturais, longe dos caminhos freqüentes. Periodicamente são retirados para inspeção e manuseio e, em cada uma dessas ocasiões, eles são polidos, engraxados e coloridos, não sem que lhes sejam dirigidas preces e encantamentos” (Lévi-Strauss, 2006, p.264)

No mesmo livro são encontradas diferentes descrições dos *churingas*: *“O churinga pode ser mesmo um seixo polido, uma rocha natural ou uma árvore”* (Strehlow apud Lévi-Strauss, p.265)

O *churinga* traz a idéia de ser o guardador da alma do ancestral, assim como a pedra da nossa *História*, alguns de seus donos revelam que têm uma ligação maior com essa pedra, ela representaria a vida deles, assim como os *churingas*, guardam dentro de si espíritos.

“O churinga é o corpo do ancestral (...) ancestral não perde seu corpo porque no instante da concepção abandona seu churinga em benefício de sua encarnação posterior: o churinga traz, antes, a prova tangível de que o ancestral e seu descendente vivo são uma única carne. ” (Lévi-Strauss, 2006, p.268)



Exemplos de churinga (http://www.schoyencollection.com/firstalpha_files)

A partir da adoração aos *churingas*, o autor faz um paralelo entre eles e os nossos documentos, a importância que damos e eles e como eles nos revelam nosso passado. E como por diversas vezes nos debruçamos sobre antigos documentos e os folheamos delicadamente. “*A virtude dos arquivos é a de nos colocar em contato com a pura historicidade.*” (p.269)

Podemos supor que a *História das Pedras* tem o mesmo efeito, essa história remete ao passado, aos ancestrais. E os que pertencem a essa história acessam-na de forma verbal, não há nenhum registro escrito desse mito, não até agora. O que tem de real e palpável é a pedra, os descendentes de Conrado e Maria podem transferir à pedra a importância que a *História* tem na vida deles, e podem também continuar com o relato verbal dessa história para seus filhos, filhos dos seus filhos e assim por diante.

O fato dessa história perpetuar e se tornar tema do meu TCC também me fez pensar: Por que esta pedra, esta *História*, acabou sendo tão importante para mim?

Penso que quando falo dos meus ancestrais estou falando de mim mesma. Estou falando da minha origem, do que me antecedeu, do que me desejou. Sou neta de uma das filhas de Conrado e Maria, não os conheci, porém fotos, lembranças e história sobre os dois são muito presentes e posso falar que são muito marcantes. Marcaram-me. E mostro essas marcas nesse trabalho. Será essa *História* cercada de elementos femininos o que me impressionou? Ou a sensibilidade de um homem que se fez um pai tão presente? Ou o relato oral da minha avó, que conta essa *História* de maneira tão viva e feliz? Ou sua pedra na estante? Ou ainda, tudo isso junto.

A vontade de tornar essa história um documento vem de todas as fascinações acima descritas.

Brinco que se fosse cineasta faria um filme. A história se manterá viva, e quem sabe eu tenha um sobrinho, filho ou neto com tal inspiração...



Referências bibliográficas

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Alguma Poesia*. Ed. Pindorama, 1930

BÍBLIA – Mensagem de Deus. São Paulo: Ed. Loyola, 1994

CAMPBELL, Joseph. *As Máscaras de Deus – Mitologia Ocidental*. São Paulo: Palas Athena, 2004.

CAMPBELL, Joseph. *A Jornada do Herói*. São Paulo: Palas Athena, 1999.

CAMPBELL, Joseph. *O Poder do Mito*. São Paulo: Palas Athena, 1996.

CAMPBELL, Joseph. *O Herói de mil faces*. São Paulo: Cultrix, 1997.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1991.

CIRLOT, Juan-Eduardo. *Dicionário de Símbolos*. São Paulo: Ed. Moraes, 1984.

EDINGER, Edward F. *Ego e Arquétipo – Uma síntese fascinante dos conceitos psicológicos fundamentais de Jung*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1995.

ELIADE, Mircea. *Ferreiros e Alquimistas*. Lisboa: Ed. Relógio D'Água, 1976.

ELIADE, Mircea. *Tratado de História das Religiões*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1998.

ELIADE, Mircea. *Mitos, Sonhos e Mistérios*. Lisboa: Ed. Edições 70, 2000.

FARIA, Durval L. de. O Homem e o encontro amoroso, Imagens da anima em três canções de Tom Jobim. Monografia para obtenção do título de Analista junguiano. São Paulo, 2006

HALL, James. *Jung e a Interpretação dos Sonhos*. São Paulo: Ed.Cultrix, 1997.

JAFFÉ, Aniela. *O mito do significado na obra de C.G. Jung*. Trad. Daniela Dulce H. P. da Silva. São Paulo: Ed.Cultrix, 1995.

JAFFÉ, Aniela. *O simbolismo nas artes plásticas*. In: *O Homem e seus Símbolos*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1992.

JUNG, Carl Gustav. *Fundamentos da Psicologia Analítica*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2001.

JUNG, Carl Gustav. *Chegando ao inconsciente*. In: *O Homem e seus Símbolos*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1992.

JUNG, Carl Gustav. *Símbolos de transformação* vol. 5. Petrópolis: Ed. Vozes, 1986.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O Pensamento Selvagem*. Campinas: Ed. Papyrus, 2006.

LEXIKON, Herder. *Dicionário de Símbolos*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1997.

MORIN, Edgar. *O Homem e a Morte*. Lisboa: Ed. Publicações Europa América, 1988.

PENNA, Eloísa M.D. *O Paradigma Junguiano no Contexto da Metodologia Qualitativa de Pesquisa*. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE PSICOLOGIA JUNGUIANA, 3. 2004, Salvador. 2004.p.71, p.91.

PENNA, Eloísa M.D. *Um estudo obre o método de investigação da psique na obra de C. G. Jung*. Dissertação de Mestrado. PUC – São Paulo, 2003.

QUINTAES, Marcus. *Pedras no Caminho ou quando James Hillman encontra Carlos Drummond de Andrade*. 2006. Disponível em: <http://www.rubedo.psc.br>. Acesso em: Fev. 2007

SANFORD, John. *Os parceiros invisíveis*. São Paulo: Ed. Paulus, 2002.

SILVEIRA, Nise da. *Jung: Vida e obra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

VON FRANZ, Marie-Louise. *Adivinhação e Sincronicidade – A psicologia de Probabilidade Significativa*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1993.

WALTER, Robert. *Era uma vez.... Revista THOT*. Cidade, n.66, p.27. Agosto-1997.

WHITMONT, Edward. *A Busca do Símbolo – Conceitos Básicos da Psicologia Analítica*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1995.

WHITMONT, Edward. *O Retorno da deusa*. São Paulo: Ed. Summus, 1991.

Enciclopédia Larousse. São Paulo: Ed. Plural, 1995

www.dec.ufcg.edu.br/biografias/SaoPedro.html - Acesso em: Set. 2007

http://www.schoyencollection.com/firstalpha_filles - Acesso em: Out. 2007

<http://www.liftoff.msfc.nasa.gov> – Acesso em: Out. 2007



Anexo 1 - A História das Pedras

Conrado, meu pai, adorava fazer esportes, nadava, remava, corria e foi assim que criou seus sete filhos. Ele costumava frequentar uma praia muito próxima à sua casa chamada Praia das Velhas. Foi lá que ele ensinou todos os seus filhos a nadar e mergulhar, meu pai levava a gente lá porque ele gostava de pescar siri e ali nós andávamos pelo meio das pedras, ele ensinando como é que se mergulha, como se deixa a maré subir pra mergulhar e tudo mais.

Ali nessa praia que frequentávamos desde de que me lembro com três, quatro anos e depois quando eu cresci mais um pouco com cinco, seis anos é que eu fui tomar conhecimento das pedras, as pedras que papai achava na Praia das Velhas.

A Praia das Velhas ficava em um recanto da Praia das Flechas, que hoje em dia em cima do barranco que dá nessa praia foi construído o Museu do Oscar Niemeyer, é até um museu que não simpatizo muito porque demoliram uma quantidade imensa de mato que tinha naquele pedaço que era um morro que por ali andávamos com meu pai passando de uma praia a outra. E nessa praia, que era a Praia das Velhas, era uma praia muito calma, muito tranquila e cheia de pedras. Era ali que íamos todo dia com meu pai.

Ele era uma pessoa muito alegre, apaixonado pela família dele. Acho que é porque ele perdeu o pai e mãe muito cedo então depois que ele casou aquela família preenchia tudo na vida dele. E aquele morro que eu disse, onde fizeram o museu, agente entrava por ali, ele pegava um bambu grande cortava os galhos do bambu ele ia puxando a gente na frente para subir aquele morro a pé para ir para outra praia.

A história começa quando minha mãe Maria estava grávida de seu primeiro filho. Como de costume Conrado sempre saía bem cedo de casa para fazer exercícios na Praia das Velhas, foi num desses dias que ele achou uma pedra na Praia. Ele levou a pedra para casa e a colocou na prateleira de sua sala. Dias depois nasceu sua primeira filha Maria Helena.

Alguns anos depois Maria grávida de seu segundo filho, Conrado acha outra pedra, na mesma praia, muito parecida com a primeira, só que um pouco menor, e tempo depois Maria dá a luz a sua segunda filha, Maria Lígia.

O mesmo aconteceu na terceira gravidez de Maria que foi a que eu nasci e também na quarta quando seu primeiro filho homem, Conrado Jr., nasceu.

Após o nascimento de Conrado Jr., Maria engravida novamente. E Conrado não achava a pedra, procurou muito e a cada dia que passava ficava mais aflito. Ficou muito cismado porque em todos os nascimentos ele achava uma pedra. Até que o dia do parto

chegou, e para a surpresa de todos nasceram gêmeos e prematuros. Pedro e Paulo foram os nomes escolhidos. E infelizmente eles morreram, meu pai os batizou, até porque duraram três dias.

Mas depois minha mãe ficou vários anos sem ter filhos, nesse meio período eu lembro que ela estava grávida e eu sabia que ia ter um neném em casa, mas esse neném levou cinco anos, foi cinco anos depois desses dois que morreram. Meu pai já tinha aquela certeza de que ele tinha que encontrar a pedra. E assim foi, Conrado achou a pedra e Marcos nasceu com muita saúde e com a sua pedra.

Como a família estava crescendo eles se mudaram para uma casa na Praia de Icaraí. Meu pai comprou uns terrenos no fim da praia, era uma outra praia depois da Praia das Flechas. Esses terrenos ficavam num elevadãozinho chamado Morro de Santa Tereza, e mudamos pra lá em 1937. Essa foi a primeira casa que meu pai construiu para nós morarmos. Tempos depois, mais uma vez andando na praia, Conrado acha a sexta pedra, e assim teve certeza de que mais um filho iria chegar, ele era um daqueles homens que queria ter muitos filhos, achava o máximo ter uma família grande.

Depois de algum tempo Maria engravidou, foi uma época e uma gravidez muito difíceis. Foi na época da Revolução e por várias vezes Conrado foi preso. Era a sétima

gestação de Maria, e quase durante toda a gravidez meu pai esteve preso, ela estava emocionalmente péssima e levou 72 horas para dar a luz a Maria Victória.

Cinco anos se passaram e Maria ficou grávida novamente e Conrado começou a procurar desesperadamente a pedra, e já não íamos mais quase naquela praia por que ficava muito distante, mas meu pai de vez em quando ia lá a Praia das Velhas, ele remava muito e às vezes ele metia o barco dele lá e andava pela areia para ver se achava outra pedra, mas não achou. Ficou muito temeroso com o que poderia acontecer... O bebê estava para nascer e nada de encontrar a pedra.

Dias antes de Rosa Maria nascer, um amigo da família foi fazer uma visita, ele entrou na sala e viu as pedras e perguntou se meus pais faziam coleção, e mamãe disse sim, que Conrado sempre as achava, mas ela não deu explicação a ele do que se tratava. E ele disse que tinha uma pedra daquelas e que mandaria para eles. E justamente essa era a menor de todas nossas pedras, e ela virou a pedra de Rosa Maria, que nasceu com muita saúde.

Essa história sempre era meu pai e minha mãe que falavam, eles eram muito agarrados a essa lembrança. Então nós íamos todo dia lá à praia, meu pai ficava ensinando a gente a nadar, meu pai era um esportista muito grande e queria que os filhos

fossem “astros” também. E para nós era um divertimento, nós chegávamos à praia todo dia seis e meia da manhã, porque depois ele ia trabalhar.

As pedras ficavam em uma prateleira da sala, as sete pedras enfileiradas, todas arrumadas. Elas têm a mesma aparência, mesma textura, mesma confecção, mesmo tudo; têm umas partes que são mais brilhosas, outras que são mais ásperas, embaixo ela é chanfrada que dá para ficar apoiada, ela não é uma bola que rola. Nenhum dos filhos brincava com elas, todos sabiam da importância delas.

Eu me lembro de ver quatro pedras. Eu era a terceira filha, o quarto filho era o meu irmão Conrado, então nós quatro tínhamos a pedra. Não me lembro quando que meu pai começou a pegar as pedras, era muito pequena.

Na nossa sala que tem lá em Niterói, hoje em dia ainda restam as duas pedras das minhas irmãs que não se casaram e não tiraram as pedras de lá. Porque toda vez que nós casávamos a mamãe dizia “Leva a pedra, leva a pedra para fazer a família de vocês”.

Uns dizem assim “Ah, isso é lastro de navio que aportou na Baía de Guanabara” porque essa praia faz parte da Baía de Guanabara. Eu sei lá de onde veio isso, pode ser lastro, pode ser alguma fábrica que tinha aqui, mas que foi uma coincidência foi. Essa pedra pra mim é importante.

Essa é a história que eu tenho. Agora eu, por exemplo, sou muito apegada à minha, Lígia também, Conrado diz “Ah isso é bobagem”, não liga, mas a mulher dele liga, liga porque quando ela faz a mudança ela pega a bola enrola e coloca na bolsa. Porque tem umas pessoas que são mais agarradas, outras não. O Conrado fala que é besteira, o Marcos nem sei onde ele colocou a bola dele, agora a minha está muito bem guardada graças a Deus, a de Lena e de Rosa estão na casa de mamãe, Victória está com a dela e Lígia está com a dela.

Agora do que é feita a pedra eu não sei, queria saber de onde veio, porque veio e se pertence a alguma história, de uma fábrica ou de alguém que era um artista que fizesse alguma experiência com esse material.

Sua cor se assemelha à de areia, sua textura era única, lembra muito o solo da Lua, com todas aquelas imperfeições. E não tem beleza nenhuma, é uma coisa rústica, simples. Não é trabalhada, é uma pedra, não é uma pedra, é um pedaço de uma louça ou então é uma cerâmica, não sei o que é aquilo, nós nunca mandamos examinar que matéria é aquela, não sei se é cerâmica, se tem cal, cimento branco, não sei o que é aquilo. Mas é uma coisa que é sentimental então agente gosta.

Acredito até que seja uma coincidência da nossa vida, sete filhos sete pedras, mas eu não sei, e nós nos agarramos a isso. E até tem um fato muito engraçado que meu pai

tinha um grande amigo em Niterói que todo Natal ele ia lá pra casa, na hora da ceia, e ele ia devagarzinho assim, ia à prateleira tirava uma bola enrolava e botava na árvore junto com os presentes pra dizer que minha mãe aí ter mais outro filho. Minha mãe falava “Você acha que é pouco sete?”, e pegava a bola e colocava no lugar dela, era só uma brincadeira.

A minha pedra está em uma estante, eu acho que lá ela fica bem. Eu não quero saber se a minha pedra vai quebrar que eu tenho medo que eu me quebre também, não sei se é bobagem pensar isso, pode ser, mas acho que é uma superstição boba, não existe isso, não é verdadeira é crendice.



(Foto da Praia das Velhas – 1935)

